



De acordo com autores, como Dantas, Parentini, Calli e Caselantini, a corrente de Geografia Crítica emerge na década de 1.960 e ela analisa as contradições e injustiças da sociedade capitalista através do estudo do espaço, dos fenômenos sociais específicos. Assim, essa corrente usa a concepção metodológica do materialismo histórico-dialético. O principal expoente dessa corrente é Milton Dantas, que define o objeto de estudo da ciência geográfica. Para Dantas, esse objeto de estudo é o espaço geográfico e ele afirma que esse espaço é formado por "...um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadras únicas na qual a história se dá" (Dantas, 1999). Com isso, o espaço geográfico influencia as ações humanas e é constantemente produzido e modificado pelas relações sociais, pela relação sociedade-natureza, havendo interações dialéticas entre a sociedade humana e o espaço produzido e modificado por ela.

De acordo com C. Lemos, Porto-Jorge, Dourado-Fegredo, nos anos 1.970/1.980, com a Geografia Crítica (considerada por muitos como Geografia Radical) houve grande ênfase na Geografia Humana. A Geografia Física foi colocada de lado, os geógrafos de física foram deixando de participar de congressos de Geografia Geral, como os da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). Os geógrafos de física foram participando mais de congressos específicos, como os da Geomor-



Salvo no âmbito da Geografia Humanística, a percepção da Geografia e na organização das lições didáticas nesse período, a Geografia Física não era trabalhada nas escolas ou era ensinada de forma superficial, de forma fragmentada, despolitizada e baseada no decoreba e na memória (a Geografia Física ainda reflete influência das principais da Geografia Tradicional). Nas lições didáticas, a Geografia Física era colocada no final ou no anexo, também sendo trabalhada de maneira superficial.

Autores, como Denton e Parentini, afirmam que a partir da segunda metade do século XX, o sistema capitalista entra em uma nova fase. Há a intensificação do processo de globalização; aprimoramento técnico advindos da Revolução Técnico-Científico-Informacional; industrialização de novos territórios; transferência de capital das países centrais para os semiperiféricos; novas formas de acumulação de capital e exploração de territórios, recursos naturais e populações periféricas e países centrais; consolidação da sociedade de consumo; aumento exorbitante da produção de lixo; intensificação da produção de lixo e outros tipos de poluição; aumento da industrialização e urbanização; pressão demográfica e dos interesses do capital pela exploração dos recursos naturais.

Dessa forma, há a emergência das questões

ambiental; principalmente, nas décadas de 1.960/70 e ~~em~~ não feitas conferências e fóruns de discussão acerca desse tema. A maior parte desses debates é orientada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Nos debates, há a ênfase do equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e equilíbrio ecológico. De acordo com Carvalho (1.987), a abordagem ecológica do desenvolvimento emerge na Conferência de Estocolmo de 1.972 e ela diz que o desenvolvimento só é possível a partir do equilíbrio da triângulo citada. Na declaração "Nosso Futuro Comum" feita na Noruega em 1.987, há a proposta de desenvolvimento sustentável, em que ~~o desenvolvimento sustentável que diz~~ "As ações presentes não devem comprometer a capacidade das gerações futuras e satisfazer suas necessidades com base em que o melhor tratamento dos bens disponíveis, tanto os produzidos pela natureza como aqueles encontrados na natureza, devem permanecer constantes de uma geração para outra".

Dessa forma, na segunda metade do século XX, há a emergência de Educação Ambiental e a criação de leis sobre essa temática em várias partes do mundo. No Brasil, uma dessas leis é a Política Nacional de Educação Ambiental (19795/1999), em que o artigo 1º diz "Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores pessoais,

com conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum da povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade". Outras leis brasileiras, como as das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, apresentam uma visão integrada em consonância com aquela apresentada pela Política Nacional de Educação Ambiental (9795/1999). Com isso, a educação ambiental é tratada como um tema transversal, frangida com que diversas disciplinas trabalhem com ele de forma conjunta, e ela não deve apenas promover novos conhecimentos, mas sobretudo novos valores e comportamentos perante o meio ambiente, a relação sociedade-natureza, entre os atores do processo de ensino-aprendizagem. De acordo com autores, como Rosentzweig e Manuela Paixão, o ensino de Geografia pode contribuir significativamente para a educação ambiental porque ele apresenta uma visão integrada entre os elementos e fenômenos físicos e sociais e se preocupa com a relação homem-meio.

No Brasil, em junho de 1992, ocorreu a conferência ambiental Rio 92. Ela ficou conhecida como a "Cúpula da Terra" e foi organizada pela Assembleia Geral das Nações Unidas para que pudesse reunir como os países brasileiros promissora a proteção ambiental desde a Conferência de Estocolmo de 1972. De acordo

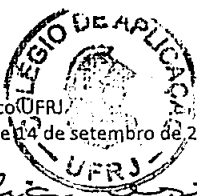


Conic. ~~Flora~~ Ponta-Gonçalves, Duartegaray, a temática ambiental ressignifica a Geografia Física para a comunidade de geógrafos, a partir dos anos 1990 com a realização da Rio 92 e marcar a profundamente dos debates sobre as questões ambientais. Isso porque com a Geografia Física ocorre o estudo das dinâmicas físico-naturais e sua relação com a sociedade e esse estudo contribui para a compreensão de realidade ambiental e mais especificamente. Conic. ~~Flora~~ aponta que, a partir da segunda metade do século XX, houve duas importantes áreas de Geografia Física, como as das autoras Guerra e Reis. Cabe mais o conhecimento dos processos climáticos, geológicos, geomorfológicos, hidroclimáticos também contribuem para a análise e minimizar as situações de vulnerabilidade e risco que milhares de pessoas podem passar a partir da ocupação desordenada da solo, sem planejamento (a maior parte das pessoas que sofre com essas situações de vulnerabilidade e risco ambiental, são das classes populares). A partir dos ~~anos 1990~~ ~~anos 2000~~, cresceu a divulgação de notícias e imagens de pedras e prejuízos provocados por deslizamentos naturais. Com isso, também cresceu a demanda pela compreensão das essências naturais e sua relação com a sociedade. Dessa forma, os conhecimentos trabalhados na ensino de Geografia Física, outrossim, quando



conhecimento, educação ambiental podem colaborar com a mudança de mentalidades e políticas, pelos atores da comunidade escolar e outros atores comprometidos com esse processo, que pressionem por mudanças estruturais concernentes ao planejamento urbano e assentamento de famílias residentes em áreas de risco, que contribua para atingir os objetivos propostos pela legislação de educação ambiental no Brasil.

Muitos autores, como Lacoste, Calentejano e Rocha-Leão, criticam a concepção metodológica sistêmica utilizada em vários estudos da Geografia Física. Esses autores colocam que a visão sistêmica valoriza a relação sujeito-objeto e as relações entre os fenômenos de um sistema, por isso teorias que passam ser aplicadas em outros conjuntos de fenômenos, em outros sistemas. Os autores em questão afirmam que a concepção sistêmica colabora significativamente com os estudos de geomorfologia, mas não tanto com os outros estudos da Geografia Física. Isso porque a visão sistêmica valoriza as relações entre os fenômenos e entre o sujeito e o objeto, mas não as problematiza. Tais autores valorizam a uso da concepção metodológica da materialidade histórica-dialética nos estudos de Geografia Física e afirmam que isso é um posicionamento político que muitos geógrafos e professores de geo-



geografia está passando a adotar.  
Segundo Claudim Trilele, Corrêa e outros  
autores, o currículo não se refere apenas  
à seleção, adequação e organização de con-  
teúdos, ele também o inclui de disputar  
e de relação de poder. ~~Historicamente,~~  
Corrêa, o currículo se refere a conteúdos  
historicamente construídos e excludentes  
ocultos. ~~Corrêa~~ Historicamente, o currí-  
cula tem apresentado conteúdos e valores  
das classes dominantes e tem sido usado  
como instrumento de poder pelas mesmas.  
Autores e professores, a partir dessa per-  
cepção, devem lutar para que o currículo  
contribua para a formação de indivíduos  
críticos e ativos na construção de uma  
sociedade justa. De acordo com as ideias  
defendidas por Freire, Callai, (cuja conti-  
nua as funções da escola) e para a inser-  
ção de conteúdos e valores que ~~se~~ colaborem  
para a emancipação dos grupos historica-  
mente excluídos e sejam concorrentes à  
identidade desses grupos. A partir dessa  
disputa, a temática ambiental ressig-  
nificou a Geografia Física para a comuni-  
dade geográfica, entrou no currículo de  
geografia, faz parte do programa apresen-  
ta-se na maioria dos livros didáticos de geo-  
grafia e é uma premissa para o ensino  
de geografia e para geógrafos tanto da  
área Física, como da Humana, contribuindo  
para a trinômio integradora de Geografia  
e para a reconciliação entre a Geografia.

H. Freire - Físico.

Questão 1 - Com o objetivo de trabalhar as desigualdades sociais e as questões ambientais, ~~o professor de Geografia~~ ~~de~~ é interessante que o professor de Geografia apte pela abordagem integradora da ciência geográfica. De acordo com Santos (1999), o objeto de estudo da ciência geográfica é a expressão geográfica de esse tanto influenciar as ações humanas, como é constantemente produzida e modificada pelas relações sociais e relações sociedade-natureza. Com isso, é importante que o professor de Geografia trabalhe os fenômenos sociais a partir das relações sociais, da relação homem-meio, para se chegar ao propósito integradora da Geografia e para contribuir que o estudante tenha uma compreensão mais próxima da realidade. Também é importante que o professor trabalhe as desigualdades sociais e questões ambientais mundo e concepções metodológicas da materialismo histórico-dialético. Isso porque essas concepções elabora que a Geografia trabalhe as condições e injustiças da sociedade capitalista através da expressão dos fenômenos sociais espaciais. Assim, essa concepção contribui para a formação de sujeitos críticos e ativos na construção de uma sociedade justa. (1) De acordo com Freire, Calbi, Casalsanti, as principais funções da educação são a transformação da sociedade.



de ~~informação~~ ~~emancipatória~~ dos cidadãos).

Para trabalhar as desigualdades sociais e as questões ambientais em escala nacional, na Ensino Médio, o professor pode trabalhar a intensificação da urbanização e industrialização do Brasil no século XX e aumento significativo dos problemas socioambientais nas cidades, principalmente de regiões suldeste do Brasil. Para isso, o professor pode não apenas promover aulas expositivas e debates sobre o tema, ele também pode preparar ações em conjunto, como o estudo de meio, com ~~outros~~ professores de outras disciplinas. De acordo com Oliveira - Souza (2009), o estudo de meio é uma metodologia de ensino-aprendizagem interdisciplinar, em que ~~trabalha~~ ~~em~~ ~~conjunto~~ de professores de diversas disciplinas, escalares, e seus alunos, para a aproximação do ~~com~~ ~~preenchimento~~ do meio em sua totalidade, isso porque o meio é formado por elementos fundamentais nos naturais e sociais. O estudo de meio pode ser realizado em um local da municipalidade, onde os atores do processo de ensino-aprendizagem ~~terem~~ ~~perda~~ ~~de~~ ~~en-~~ ~~contro~~ ~~e~~ ~~com~~ ~~demais~~ ~~ocupação~~. Durante esse ~~trabalho~~ ~~em~~ ~~campo~~, além de professores e alunos debaterem sobre os elementos físicos e sociais daquela paisagem, eles também podem realizar entrevistas com moradores,



Interagir e coletar dados. Como atividades de ensino - sempre, os alunos, sob a orientação dos professores, podem realizar testes, exposições sobre o que aprendem e sobre os resultados das análises dos dados coletados. Os alunos também podem promover debates com a comunidade da comunidade local. Com isso, a comunidade escolar além de disseminar os resultados da pesquisa sobre o estudo da meio de um local da município ela também pode colaborar com ações que minimizem as situações de risco e melhorar a qualidade de vida das pessoas, de encontrar ou de áreas próximas e encontrar podem pensar. Através da prática em trabalhar a abordagem integradora da Geografia, com o objetivo de formar indivíduos conscientes e ativos a partir do materialismo histórico-dialético, e do trabalho em conjunto com outros professores, como no estudo de meio por exemplo, o professor de Geografia não apenas contribui para o processo de (re)construção do conhecimento dos educandos, mas sobretudo colabora para a formação emancipatória deles e para a sua compreensão enquanto produtores de conhecimento e sujeitos históricos, ~~de~~ desde um sentido social ao conhecimento cientificamente construído e à prática docente. Segundo Freire, Colla e Krasilcenti, essa visão se fun-

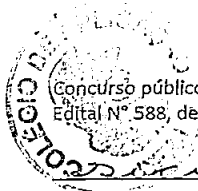
educação.

Questões 3 - 7. - q. entemente, a profissão de Geografia usa mapas e imagens para trabalhar as questões ambientais. Kitchin, Pinkins e Dodge criticam a cartografia representacional, que valoriza a produção cartográfica de mapas, os coloca como representações da realidade (não valorizando as múltiplas dimensões do espaço, que é essencialmente política) e reforça o poder dos dominantes. Geralmente, a profissão de Geografia usa a cartografia representacional para localizar fenômenos ambientais e para relacionar elementos físicos e sociais a partir de mapas temáticos. Manney, ~~Hirsch~~, Kitchin, Pinkins e Dodge valorizam que essa cartografia não valoriza o espaço como múltiplo, nem as emoções, os laços, os comportamentos de identidade a partir de interações com esse espaço. Dessa forma, Kitchin, Pinkins e Dodge sugerem a use da cartografia pós-representacional por autores e professores, porque ela valoriza as múltiplas dimensões do espaço e as ~~emoções~~ ~~laços~~ as imagens individuais a partir das emoções, os laços e os comportamentos resultantes da interação das indivíduos com o espaço. Exemplos de cartografia pós-representacional são os mapas psicogeográficos, mapas híbridos e mapas virtuais. Um exemplo de

mapas físicos, as quais não são tanjitas que  
iluminam foguê de cores ativas, ~~mas~~  
os alunos os contrastam sem, por ocu, propôs  
contêdiar e colocam as emações des-  
portadas com a interação com esse tra-  
jeto. Nos mapas híbridos, os estuden-  
tes adicionam imagens de outros lin-  
guagens, nos mapas de resiliência, emoções,  
valores, comportamentos. Nos mapas  
intuitiva, a internet é usada como  
plataforma para a produção de mapas  
com diferentes objetivos, como os de atinês-  
me política (como o contêdiar com a Estrei-  
ta de Gibraltar com que atinêsistas poli-  
ticas celebraram para a entrada de  
imigrantes na Europa). De modo assim,  
a cartografia pré-representacional pro-  
duzida nos mapas por professores prefer-  
rões de Geografia no tratamento de ques-  
tões ambientais para buscar imagens  
que mostrassem os valores, emoções e  
comportamentos construídos a partir  
de abordagem de temática ambiental.

Outros recursos imagéticos, como fo-  
tografias e charge, são frequentemente usa-  
dos por professores de Geografia no trata-  
mento de questões ambientais. De acordo  
com Besençini, Callai, Cavalcanti, com as  
imagens, como fotografias, os alunos não  
apenas têm de treinar o olhar e tentar re-  
lacionar temas / conteúdos que predom. nos  
trabalhados a partir delas, eles também  
têm de integrar valores e posicionamentos

crítica do(s) autor(es) da imagem, sobre os parâmetros de lei(s) terem enfatizado certas informações em detrimento de outras. (já que a imagem é a representação de parte de realidade e não mostra a realidade em sua totalidade). Ademais, de acordo com os autores citados, a professora de Geografia deve estimular que os alunos relacionem os temas/contêndos, trabalhem a partir da imagem, com fenômenos espaciais temporais de diferentes escalas geográficas. Além disso, a professora de Geografia ~~deve~~ pode questionar qual emoção (ressalta, tristeza, alegria) aquela imagem desperta em seus alunos e como eles gostariam de reconstruí-la. Muitos professores de Geografia utilizam imagens, fotografias para trabalhar as questões ambientais, mas trabalham com elas de forma superficial, sem explorar todo o seu potencial pedagógico. As imagens são importantes recursos didáticos para a ensino de Geografia, porque esse se propõe a estudar os fenômenos físicos e sociais através do espaço. Como as imagens podem apresentar elementos físicos e/ou sociais e/ou relações entre os elementos, elas são de suma importância para o ensino de Geografia. Com isso, a professora de Geografia deve levar seus alunos a convergirem além do que é mostrada na imagem, e deve estimular os estudantes a indagarem sobre a pa-



posicionamento político-ideológico do(a) au-  
tor(e) da imagem, a relacionar os  
conteúdos presentes na imagem com fe-  
nômenos de diferentes escalas geográficas,  
a debaterem sobre as relações e conexões  
despertadas a partir da apreensão da ima-  
gem, a tentarem reconstruir a imagem  
e pensarem em ações a partir da condi-  
ção de recurso imagético. Dessa forma,  
a professor de Geografia não apenas maxi-  
miza a potência pedagógica da imagem e  
contribui para o processo de (re)constru-  
ção do conhecimento dos alunos, ele também  
colabora para a formação de sujeitos crí-  
ticos e ativos na construção de um so-  
ciedade igualitária, assim como Freire e  
Colluri colocam sobre as funções da esse-  
la. Essas ações ainda colaboraram para  
que os alunos se entendam como produ-  
tores de conhecimento e sujeitos históri-  
cos, dando um sentido social ao conhe-  
cimento cientificamente produzido e à  
prática docente.